A todas as butches *e* femmes[1]*, do passado, do presente e do futuro*

[1] Termos cunhados pela subcultura lésbica dos EUA para atribuir ou reconhecer expressões de género. «Butch» refere-se à lésbica com uma expressão de género masculina e «femme» à lésbica com expressão de género feminina. (*N. da T.*)

1950 — O Senador Joseph McCarthy elabora uma lista de alegados comunistas a trabalhar no Departamento de Estado.

Início da Guerra da Coreia.

Judy Hu casa com Francis Fong.

4 de julho de 1950 — **Lily participa na terceira edição anual do piquenique do Dia da Independência da Aliança de Cidadãos Sino-Americanos e no Concurso *Miss* Chinatown.**

1951 — O Dr. Hsue-shen Tsien é sentenciado a prisão domiciliar sob suspeita de ser comunista e simpatizante da República Popular da China.

Judy leva Lily à Playland, um parque de diversões na praia.

No caso Stoumen contra Reilly, o Supremo Tribunal da Califórnia concede às pessoas homossexuais o direito à liberdade de reunião, por exemplo, num bar.

PRÓLOGO

As concorrentes do *Miss* Chinatown estavam agrupadas atrás de uma tela de projeção ao lado do palco. Não estavam lá quando Lily Hu passou, a caminho da casa de banho, quinze minutos antes, e algo naquela súbita aparição a desconcertou.

Lily tinha treze anos e não se lembrava de alguma vez ter visto um grupo de raparigas chinesas como aquele — de fatos de banho e saltos altos, cabelo e maquilhagem perfeitos. Pareciam tão americanas.

Abrandou o passo. O concurso estava prestes a começar e, se ficasse ali, iria perder as apresentações. Devia voltar para a toalha de piquenique da sua família, em frente ao palco, mas engonhou, evitando dar a entender que estava a olhar fixamente.

Havia doze raparigas e os seus fatos de banho eram brancos ou pretos, verde-marinho ou verde-floresta, inteiro ou de duas peças. Os seus braços e pernas estavam nus sob o Sol quente do meio-dia, os cabelos negros brilhantes enrolados e presos firmemente. Batom vermelho vivo nas suas bocas; verniz escarlate nas unhas; peles suaves e bronzeadas. Cada rapariga uma variação de um tema.

Os seus sapatos de salto alto afundavam-se no solo gramíneo. De vez em quando, uma delas levantava o pé para se certificar de que o salto não ficava preso na terra húmida, como os potros de pernas delgadas do *Bambi* a aprender a andar. A rapariga de fato de banho preto de duas peças usava saltos pretos particularmente altos e, à medida que se mexia no lugar, o salto direito colava-se ao chão. O pé soltou-se do sapato, revelando uma feia marca vermelha no lugar em que a parte de trás do sapato se esfregara contra o seu tendão de Aquiles. A rapariga franziu a testa, voltando a puxar o sapato com os dedos dos pés, mas,

dessa vez, todo o seu pé escorregou para fora. A redondeza rosada do calcanhar descoberto; o arco estreito do pé; os dedos a flexionar no ar. Lily teve de desviar o olhar, como se estivesse a ver uma mulher a despir o vestido em público.

Um microfone zumbiu, e um homem declarou, em inglês:

— Bem-vindos ao terceiro piquenique anual do Dia da Independência da Aliança dos Cidadãos Sino-Americanos e ao Concurso *Miss* Chinatown!

Aplausos e ovações emergiram da plateia reunida no relvado. Uma mulher mais velha com uma prancheta na mão começou a reunir as raparigas numa fila atrás da tela, preparando-as para subir as escadas até ao palco. Lily virou-se e precipitou-se até ao relvado.

Avistou a família embrenhada no meio da multidão, reunida no velho e desgastado manto militar, estampado com o nome do seu pai — CAPITÃO JOSEPH HU — em tinta branca. Estavam rodeados de outras famílias, todas a descansar sob o límpido céu azul, de frente para o palco montado diante do largo principal.

Lily viu a mãe levantar-se, puxando também Frankie, de quatro anos. O pai, ainda sentado no manto, entregou a mala à mãe, e então ela e Frankie começaram a dirigir-se para o caminho ao longo da borda do relvado. O Tio Francis e a Tia Judy, sentados ao lado do pai de Lily, observavam o palco com uma miríade de expressões. O Tio Francis estava absorto; a Tia Judy parecia cética. Não havia sinal do outro irmão de Lily, Eddie, e presumiu que ele ainda estivesse a brincar com os amigos.

Encontrou a mãe no caminho.

— Vou levar o Frankie à casa de banho — disse a Mamã. — Ainda há frango frito.

Alguém disparou foguetes enquanto Lily se dirigia para o outro lado do relvado. O Sol de verão afundava-se, quente e seco, no seu cabelo preto. Estava um autêntico clima de verão aqui em Los Altos — clima de gelados, nada como o frio e nevoeiro de São Francisco. Lily passara o dia a desfazer-se das camadas de roupa que vestira naquela manhã, no apartamento de Chinatown, e, a esta altura, já só usava uma blusa

de manga curta e uma saia de algodão, desejando ter calçado sandálias em vez de sapatos e meias.

Quando alcançou a família, ajoelhou-se para reivindicar o último pedaço de frango frito no cesto. A sua amiga Shirley Lum estava por perto, sentada com a família, e fez sinal a Lily para que se juntasse a eles.

— Posso ir sentar-me com a Shirley? — perguntou Lily ao pai, que assentiu com a cabeça assim que o mestre de cerimónias começou a apresentar as concorrentes. Os seus nomes ecoaram pelo relvado enquanto Lily se levantou, a coxa de frango na mão.

— *Miss* Elizabeth Ding!

— *Miss* May Chinn Eng!

Lily juntou-se a Shirley no seu manto — uma velha toalha de mesa branca — e encolheu as pernas para um lado, dobrando a saia sobre os joelhos como uma senhora.

Shirley inclinou-se para ela e disse:

— A minha favorita é a terceira. A de biquíni amarelo.

— *Miss* Violet Toy!

— *Miss* Naomi Woo!

Lily deu uma mordidela no frango. A pele ainda estava crocante, a carne suculenta e salgada. Colocou a mão por baixo para apanhar as migalhas que caíam. As raparigas desfilavam sobre o palco, uma após a outra. Agitavam-se com confiança nos seus saltos altos, balançando as ancas para a frente e para trás. Do público ouviam-se assobios, seguidos de gargalhadas.

— Acho que a rapariga com o fato de banho preto é demasiado exibicionista — disse Shirley.

— Como assim? — indagou Lily.

— Olha para ela! Age como se fosse uma estrela de Hollywood ou assim. Vê bem a pose dela.

— Mas estão todas na mesma pose.

— Não, ela está mais, como se se achasse perfeita.

Para Lily, a rapariga de preto não parecia ser diferente das outras, mas lembrou-se da visão do seu pé descalço no ar e sentiu-se estranhamente envergonhada por ela. As candidatas sorriam, as mãos cravadas

nos quadris, a postura orgulhosamente ereta. O mestre de cerimónias explicou que teriam de percorrer novamente o palco para que os jurados pudessem avaliar os seus rostos e figuras, e o público voltou a aplaudir.

Os jurados estavam sentados a uma mesa, no terreno defronte do palco. Lily não os conseguia ver, mas ouvira falar deles. Dois eram líderes de Chinatown, um era um preeminente homem de negócios caucasiano local, e a outra era uma mulher — a Rainha Narcissus de Honolulu, no Havai. Lily vira-a mais cedo, a tirar fotos com os fãs; usava um bonito vestido com estampas florais e uma grande flor rosa no cabelo.

— Olha, chegou a vez da minha favorita! — disse Shirley.

A rapariga de biquíni amarelo era mais alta do que as outras, e a sua figura mais curvilínea. O seu cabelo, preto ondulado, estava puxado para trás com pentes, revelando uns brincos cintilantes. A plateia assobiava à medida que ela atravessava a dianteira do palco. Ao chegar ao outro lado, deteve-se, dobrando um joelho e relanceando um olhar sedutor por cima do ombro. A plateia irrompeu em aplausos, e Shirley juntou-se a eles com entusiasmo.

Lily, ainda com o seu pedaço de frango frito na mão, desviou o olhar do palco desconfortavelmente. Não compreendeu a sensação de aperto dentro de si, como se não devesse ser apanhada a olhar para aquelas raparigas. Viu um grupo de homens mais velhos de Chinatown, sentados descontraidamente a fumar enquanto analisavam as candidatas. Um sorriu para o outro, e havia algo de perturbador na sua expressão. O homem fez um gesto esquisito com a mão esquerda, como se estivesse a apertar alguma coisa, e o outro homem riu-se. Lily baixou o olhar para o seu frango frito, e o osso da coxa recordou-lhe do tendão de Aquiles da rapariga de preto, ruborizado pelo atrito com a borda dura do seu sapato.

— Vamos subir ao palco — sugeriu Shirley, em tom conspiratório, pegando na mão de Lily e puxando-a pelo relvado.

— Não devíamos…

— Não queres ver como é?

Parecia-lhe perigoso, intenso — mas apenas moderadamente. A luz do Sol vespertino tornara-se dourada e carregada; o espetáculo acabara, e os espetadores arrumavam as suas malas e preparavam-se para voltar para casa.

— Está bem — acedeu Lily, e Shirley guinchou em resposta.

Quase que atravessaram os últimos metros a correr, indo dar ao fundo das escadas, onde Shirley parou abruptamente. Lily esbarrou contra ela.

— Imagina só — começou Shirley, sonhadora — como deve ser, ser *Miss* Chinatown.

Houvera alguma controvérsia quando o júri declarou a vencedora, um coro ténue de protestos por entre os aplausos, e Lily viu as faces da rapariga vencedora tornarem-se rosadas, simultaneamente de orgulho e consternação. Um homem gritara para o palco em inglês, *Parece uma pin-up*[2]*, não uma rapariga chinesa!*

Lily observara-o sub-repticiamente; encontrava-se sentado perto do homem que fizera o gesto obsceno, que depois se inclinou para ele, dando-lhe palmadinhas no ombro. Haviam iniciado uma conversa animada que Lily não fora capaz de compreender na totalidade — falavam em toishanês —, embora tivesse discernido as palavras «beleza» e «mulher».

— Lily, não vens?

Shirley já subira as escadas, e Lily percebeu que tinha ficado para trás. Pousou uma mão sobre o corrimão — cambaleante — e avançou rapidamente pelas escadas. O microfone e o seu suporte haviam sido retirados, deixando o palco completamente vazio. Shirley dirigiu-se ao centro, desfilando como as candidatas, fingindo ser uma rainha da beleza.

Lily hesitou, vendo a sua amiga virar-se para enfrentar o amplo e vazio relvado. Alguém assobiou, e Shirley corou de prazer enquanto enfatizava uma reverência.

— A próxima vais ser tu! — bradou uma voz incorpórea.

Shirley riu-se e olhou para Lily.

— Anda! Vem ver a vista.

---

[2] Modelos femininos com um padrão corporal voluptuoso sexualizado pela cultura *pop*. (*N. da T.*)

Lily juntou-se a Shirley na dianteira do palco no preciso momento em que uma girândola de fogos de artifício rebentou à distância. O Sol vespertino nas suas costas projetava as suas sombras sobre o chão, e enquanto Shirley levantou a mão para acenar, como se fosse uma rainha, Lily viu a sua sombra estender-se escura e esguia sobre a relva. O chão estava repleto de garrafas de vidro vazias e sacos de papel amachucados, e a relva fora aplainada em impressões irregulares de mantos e corpos.

— Lily!

A voz veio da esquerda, ligeiramente atrás do palco. Lily recuou para obter um melhor vislumbre e avistou a Tia Judy a subir o caminho desde o parque de estacionamento enquanto lhe acenava.

— É hora de ir embora! — advertiu a sua tia.

Lily acenou-lhe em resposta e virou-se para Shirley:

— Temos de ir.

— Só mais um bocadinho — insistiu Shirley.

Lily voltou para as escadas e virou-se para observar Shirley, ainda de pé na dianteira do palco, perscrutando o relvado. A luz do Sol parecia coroar-lhe a nuca, mergulhando o seu rosto na sombra. O perfil do seu nariz e da sua boca permanecia doce, feminino. Mas havia um modesto inchaço no seu peito, e Shirley havia apertado o vestido na cintura para realçar a suave curvatura dos quadris. Lily perguntou-se se era assim que uma rapariga chinesa deveria ser.

PARTE I

Posso sonhar, não posso?

Agosto–Setembro de 1954

1

— Aquela mulher é tão glamorosa — disse Shirley, fazendo sinal a Lily para que olhasse. Sentadas a uma mesa no canto do restaurante, estavam duas mulheres caucasianas. — Será que vai a um espetáculo?

Era noite de sexta-feira em plena hora de ponta do jantar, e o Eastern Pearl estava quase cheio, mas Lily soube imediatamente a quem Shirley se referia. As lanternas de papel vermelhas suspensas sobre as suas cabeças derramavam um brilho cálido sobre o cabelo loiro da mulher, amarrado num coque e preso com algo cintilante que combinava com os brincos em forma de gota nas suas orelhas. Usava um vestido de cetim azul real, sem mangas, com um decote arredondado que deixava transparecer a pele de cor creme, e um casaco bolero azul a condizer pendurado nas costas da cadeira. Por sua vez, a mulher que a acompanhava estava vestida de forma muito menos glamorosa: calças de flanela cinzenta e uma camisa branca presa na cintura. Tinha o cabelo curto, como era moda, mas deixava-a com um ar mais masculino do que feminino, o que despertou a atenção de Lily. Havia algo subtilmente masculino na sua postura. Lily não era capaz de discernir o quê, mas ficou intrigada.

Lily percebeu que estava a olhar fixamente e voltou a atenção para a pilha desarrumada de guardanapos que tinha à frente. Ao seu lado, Shirley avançava rapidamente pela própria pilha, dobrando os guardanapos em cisnes precisos. Desde pequenas que Lily e Shirley passavam incontáveis horas no restaurante, e, ao longo dos anos, Lily havia ajudado com diversas pequenas tarefas, conforme fosse necessário. Agora, estavam prestes a começar o último ano do liceu, e Lily ainda não

era capaz de dobrar um guardanapo num formato de cisne decente. Desfez aquele em que estivera a trabalhar e recomeçou.

Nas noites de fim de semana, o Eastern Pearl atraía mais turistas do que chineses locais, o que, de acordo com Shirley, se devia à recomendação de uma das empresas de turismo que levava as pessoas até Chinatown e era bom para o negócio. Lily perguntou-se se as mulheres sentadas na mesa do canto eram turistas e lançou-lhes outro olhar discreto.

A loira retirou uma caixa de cigarros prateada da mala e a sua acompanhante tirou uma caixa de fósforos do bolso das calças, inclinando-se para ela enquanto acendia um fósforo. A loira colocou a mão ao redor da chama, puxando a mão da amiga para perto do rosto enquanto inalava. Depois, recostou-se e ofereceu a caixa à amiga, que tirou um cigarro e o acendeu de imediato, afastando-o da boca com o polegar e o indicador. O fumo subiu em espiral em direção ao teto iluminado a vermelho.

— Estás a estragar esses — disse Shirley, de olhos postos nos cisnes miseravelmente dobrados de Lily. — A Ma não vai gostar.

— Desculpa — disse Lily. — Não sou boa nisto.

Shirley abanou a cabeça, mas não ficou chateada. Era sempre assim.

— Vou refazer o teu — disse Shirley, tomando para si os guardanapos de Lily.

Lily permaneceu ali sentada por breves momentos, vendo Shirley desfazer o seu cisne confuso, e depois pegou no *Chronicle*. Sempre gostara das críticas de teatro e de cinema e das colunas da sociedade, com as suas fotografias de mulheres vestidas de peles e diamantes, e perguntou-se, distraidamente, se a loira alguma vez aparecera no jornal.

— Talvez seja herdeira — disse Lily a Shirley. — Aquela loira ali.

Shirley voltou a relancear um breve olhar pelo restaurante.

— Herdeira de uma mina de ouro? — ponderou.

— Sim. E o pai dela morreu recentemente e deixou-lhe uma fortuna…

— Mas ela descobriu que tem um meio-irmão…

— … disposto a lutar pela herança…

— … por isso ela contratou uma detetive privada para o seduzir!

Lily olhou para Shirley, confusa.

— O quê?

— Bom, quem julgas que é aquela outra mulher? Parece uma detetive privada. Apenas uma detetive privada se vestiria assim. Deve estar à paisana.

Lily achou aquilo divertido.

— À paisana onde?

— Oh, quem sabe.

Era um jogo que jogavam desde pequenas — inventar histórias para os desconhecidos que viam no restaurante —, mas Shirley era sempre a primeira a perder o interesse.

— Viste o novo anúncio que os meus pais publicaram? — perguntou Shirley, pousando o último guardanapo em forma de cisne ao lado dos restantes, todos alinhados como se fossem um pequeno e cómico exército.

— Não.

— Está aí. Vi-o há pouco. Continua à procura. Está na mesma página que as críticas das discotecas.

Obedientemente, Lily folheou as páginas do *Chronicle* até à coluna *Quando a Noite Cai*, que ocupava metade da página. A outra metade estava preenchida com anúncios de restaurantes e de clubes noturnos. Percorreu-as na diagonal, em busca do anúncio do Eastern Pearl. VENHA AO JULIAN XOCHIMILCO: SERVIMOS OS MELHORES JANTARES MEXICANOS. PISOS DE ESPETÁCULO CHINÊS — OPÇÕES DE MARAVILHOSO JANTAR COMPLETO CHINÊS OU AMERICANO — FORBIDDEN CITY. Uma ilustração de quatro rostos — o pai, a mãe, o filho e a filha, com um laço no cabelo — anunciava: VIVER BEM, COMER BEM: VENHA JANTAR AO GRANT'S!

— Cá está ele — anunciou Shirley, apontando para um anúncio perto do fundo da página. Um pequeno retângulo preto com texto em branco em que se lia: EXPERIENCIE O MELHOR DA CULINÁRIA ORIENTAL NO EASTERN PEARL! O MELHOR DE CHINATOWN.

Mas o olhar de Lily foi atraído para uma caixa quadrada imediatamente acima do anúncio do Eastern Pearl. Dizia: TOMMY ANDREWS, TRANSFORMISTA MASCULINA — ESTREIA MUNDIAL! NO TELEGRAPH CLUB, 462, BROADWAY.

Era um anúncio relativamente grande que incluía uma foto de uma pessoa que parecia ser um homem bonito, com o cabelo penteado para

trás, de *smoking*. Algo se aquietou dentro de Lily, como se o seu coração tivesse inspirado antes de continuar a bater.

— Não é muito grande, mas o Pa acha que irá chamar a atenção — disse Shirley. — O que achas?

— Oh, tenho… tenho a certeza de que vai chamar a atenção — respondeu Lily.

— As pessoas leem essa página, não leem? Querem sempre saber que celebridades estão na cidade.

— Tens razão. Tenho a certeza de que as pessoas o irão ver.

Shirley assentiu, satisfeita, e Lily forçou-se a desviar os olhos da foto de Tommy Andrews. Do outro lado do restaurante, as duas mulheres estavam a pagar a conta. A mulher com o vestido azul tirou da mala uma carteira, enquanto a mulher de cabelo curto tirou inesperadamente do bolso das calças um molho de notas. Os seus dólares caíram flácidos sobre a mesa.

Atrás do balcão, abriu-se a porta basculante para a cozinha. A mãe de Shirley pôs a cabeça para fora e chamou:

— Shirley, vem aqui ajudar-me num instante.

— Sim, mãe — respondeu Shirley. Lançou a Lily um olhar exasperado. — Não toques nos guardanapos. Eu acabo-os quando voltar.

A campainha colada à entrada do restaurante tocou e Lily viu as duas mulheres saírem. A de cabelo curto manteve a porta aberta para a amiga, e então desapareceram, e Lily deu por si a olhar novamente para o anúncio do Telegraph Club.

A 462 da Broadway devia ficar a apenas alguns quarteirões do Eastern Pearl. Havia vários clubes noturnos na Broadway, a leste de Columbus. Os pais de Lily sempre a alertaram para que evitasse aqueles quarteirões; eram para adultos, diziam, e para turistas. Não para as raparigas chinesas bem-comportadas. Não para qualquer tipo de menina. Lily sabia que deveria julgar aqueles locais inapropriados, mas, de cada vez que atravessava a Broadway (sempre durante o dia, claro), olhava para a rua ampla, em direção à Ponte São Francisco, à distância, e o seu olhar demorava-se naquelas portas fechadas, perguntando-se o que estariam a esconder.

Tinha as palmas das mãos ligeiramente húmidas. Olhou por cima do ombro, mas não havia ninguém atrás do balcão. Com um movimento rápido, arrancou a página com o anúncio do Telegraph Club, dobrou-a num pequeno quadrado e enfiou-a no bolso da saia. Fechou o jornal e devolveu-o à pilha de *Chronicles* por baixo do balcão. Enquanto endireitava a pilha, reparou que as pontas dos seus dedos haviam ficado manchadas com a tinta do jornal. Correu para a casa de banho e debruçou-se sobre o lavatório, esfregando os dedos com o áspero sabonete cor-de-rosa até não restarem vestígios de tinta.

2

O Eastern Pearl ficava a apenas dez minutos de caminhada do apartamento da família Hu, mas, para Lily, naquela noite, o regresso a casa pareceu demorar uma eternidade. Assim que saiu do restaurante, teve de ficar vários minutos a falar com o velho Sr. Wong, que estava a fechar a sua loja de produtos importados. Depois, ao dobrar a esquina da Grant Avenue, Charlie Yip chamou-a, do seu quiosque, dizendo que tinha *wa mooi*[3], o *snack* favorito de Lily, em promoção. Ela comprou um saquinho para partilhar com os irmãos, e ao deslizar os doces para o bolso da saia, teve o cuidado de não amachucar o jornal dobrado.

Fora do Palácio de Xangai, um aglomerado de turistas caucasianos bloqueava a calçada. Estavam vestidos para uma noitada em Chinatown, e Lily percebeu que já tinham bebido uns quantos copos. Ninguém reparou nela enquanto deslizou pela rua, esquivando-se a uma ponta de cigarro atirada por uma senhora numa estola de pele. Lily disparou um olhar irritado para as costas da senhora enquanto um carro lhe buzinou, fazendo-a saltar para fora do caminho. Agora, encurralada entre os turistas e um *Buick* estacionado, viu-se forçada a esperar que o semáforo ficasse vermelho antes de poder finalmente atravessar a estrada, dardejando impacientemente entre os carros parados.

Quando alcançou o outro lado da calçada, voltou a olhar para a Grant em direção a Broadway e North Beach, perguntando-se onde ficava exatamente o Telegraph Club. Imaginou um letreiro néon elevado sobre uma porta coberta por um toldo. Lembrou-se das duas mulheres que vira no Eastern Pearl e imaginou-as a ir para o Telegraph Club.

[3] Ameixas secas e salgadas.

Imaginou-as sentadas numa pequena mesa redonda perto do palco, de onde Tommy Andrews surgiria, vestida a rigor, para cantar.

Lily quis pegar no anúncio do jornal e voltar a ver o rosto de Tommy, mas resistiu. Clay Street ficava mesmo à frente; estava apenas a alguns quarteirões de casa. Estugou o passo.

Lily abriu a porta da frente e correu pelas longas escadas de madeira até ao terceiro piso. À esquerda, onde ficava a cozinha, o apartamento estava calmo e escuro, mas, ao fundo do corredor, à direita, a porta da sala de estar iluminava o corredor. Lily pendurou o casaco no bengaleiro, tirou os sapatos, calçou os chinelos e dirigiu-se à sala de estar, passando pela porta fechada do quarto dos pais.

O pai estava sentado no sofá, a ler o jornal e a fumar cachimbo. Os seus irmãos mais novos, Eddie e Frankie, estavam deitados no tapete a ler banda desenhada. Quando Lily entrou, o pai olhou para cima e sorriu. As lentes dos seus óculos redondos refletiam a luz do candeeiro.

— Já jantaste? — perguntou. — Como está a Shirley?

— Bem. Comemos juntas. Onde está a mamã?

— Ela foi para a cama cedo. Se ainda tiveres fome, há sobras na cozinha.

Eddie fitou-a por cima do ombro.

— E um bocado de bolo. Houve uma angariação de fundos na Cameron House.

Aquilo fez Lily lembrar-se dos *wa mooi*, e tirou-os do bolso.

— Querem? Comprei-os ao Charlie Yip.

Frankie saltou para os tirar das mãos de Lily, enquanto o papá dizia:

— Poucos… está quase na hora de ir para a cama.

Lily poderia ter feito uma previsão precisa do resto da noite. O pai ficaria acordado até acabar de ler o jornal — talvez mais meia hora. Os irmãos argumentariam que deviam poder ficar acordados até mais tarde, mas às dez alguém os teria mandado para a cama. Lily poderia ter ficado na sala com eles, a ler um romance avidamente, mas sabia que não seria capaz de se concentrar. Em vez disso, foi para a cozinha e pôs a chaleira no lume. Enquanto esperava, prostrou-se à janela por cima da pia e contemplou as luzes da cidade, brasas incandescentes

que marcavam a vida de outras pessoas: janelas do quarto e da sala de estar, faróis a rastejar pelas ruas íngremes. Perguntou-se onde viveriam aquelas duas mulheres do restaurante e como seriam as suas casas. Enfiou a mão no bolso e tocou no jornal dobrado.

Preparou uma chávena de chá de jasmim e levou-a para o seu quarto, que na realidade não era um quarto, mas uma alcova contígua à sala de estar, oculta por duas portas de correr que Lily deixou abertas. O espaço servira de escritório ao pai até Frankie fazer quatro anos, altura em que Lily lutou para não partilhar o quarto com os irmãos. Agora tinha o seu próprio pequeno esconderijo, no qual tinha enfiado a sua cama pequena, um velho armário com gavetas que nunca fechavam devidamente e várias pilhas altas de livros que criavam uma precária mesinha de cabeceira para o seu candeeiro. Na pequena janela, na parede por cima do pé da cama, pendurara umas pequenas cortinas de veludo azul, pontilhado com minúsculas lantejoulas. Ela própria as tinha cosido, no liceu, na aula de Economia Doméstica. Os pontos tinham começado a desfazer-se quase imediatamente após Lily as ter pendurado, mas continuava a gostar delas. Recordavam-lhe os romances de ficção científica que gostava de ler, com o Universo representado nas capas.

Enquanto esperava que o pai e os irmãos fossem para a cama, foi escovar os dentes e pôs-se a andar às voltas pelo seu pequeno quarto. Dobrou alguma roupa que tinha deixado na cama; folheou as suas notas das aulas de Matemática do ano anterior para ver o que podia deitar fora. Durante todo esse tempo, manteve-se bem consciente do pedaço de jornal que tinha no bolso da saia: do murmúrio suave que fazia quando Lily se ajoelhava para guardar a roupa; da forma como as suas bordas lhe roçagavam na anca quando se sentava na cama.

Foi como se passassem horas até que o seu pai e os irmãos saíssem da sala de estar. Quando finalmente se foram deitar, Lily fechou as portas da sua alcova e vestiu a camisa de dormir. Tirou o anúncio de jornal e pô-lo em cima dos livros que faziam de mesa de cabeceira. Havia-o dobrado num pequeno quadrado, mas agora começara a abrir-se por si mesmo, desdobrando-se como as asas de uma borboleta.

Assustada, observou-o até este parar de se mexer. Lá fora, o elétrico ressoou ao aproximar-se de Powell Street, e o sino pareceu tilintar em

sintonia com o bater do seu coração. Começou a retirar uma das pilhas de livros ao lado da cama, e puxou *A Exploração do Espaço*, de Arthur C. Clarke, um presente da Tia Judy. Pousou o livro na cama, depois empurrou a almofada contra a parede e encostou-se a ela, alcançando, finalmente, o anúncio.

Desdobrou-o cuidadosamente. Lá estava Tommy Andrews, o olhar absorto como o de uma estrela de cinema, uma auréola de luz em torno do seu cabelo resplandecente. TOMMY ANDREWS, TRANSFORMISTA MASCULINA. Algum tempo antes, Lily vira um anúncio para um espetáculo numa discoteca diferente que dizia: JERRY BOUCHARD, A TRANSFORMISTA MASCULINA MAIS FAMOSA DO MUNDO! Vinha acompanhada por uma ilustração de uma mulher (as suas curvas eram evidentes) com um casaco de cauda e uma cartola, os caracóis do seu cabelo a espreitar pela cartola. A ilustração parecera-lhe errada, cómica, de alguma forma. Não como aquela foto. Tommy era atraente, jovial. A imagem não ficaria deslocada na parede do quarto de Shirley, ao lado das suas fotografias de Tab Hunter e de Marlon Brando.

Certa vez, Lily arrancara uma ilustração de uma colónia lunar da revista *Popular Science* (que o pai, por vezes, comprava para Eddie) e colou-a na parede por cima da secretária. Quando Shirley a viu, troçou dela por ter gostos de rapaz e, assim que Shirley se foi embora, Lily arrancou-a da parede. Se se sentisse excecionalmente ousada, cortaria as palavras TOMMY ANDREWS TRANSFORMISTA MASCULINA do anúncio e afixaria a foto no espaço deixado pela colónia lunar. Duvidava de que alguém — até mesmo Shirley — percebesse que a fotografia não era de um homem.

Mas Lily sabia que nunca se atreveria a fazê-lo. Pousou o anúncio na cama e abriu *A Exploração do Espaço*. Ocultos entre as páginas estavam mais dois recortes dobrados. Arrancara o primeiro de uma velha revista *Life* que fora deixada numa caixa à porta do Hospital Chinês. Exibia uma jovem Katharine Hepburn deitada numa poltrona, as pernas descontraidamente repousadas sobre um dos braços da poltrona. Vestindo umas calças de perna larga e um *blazer*, segurava um cigarro com uma mão enquanto olhava para a sua esquerda. Havia uma confiança consciente na sua expressão, uma pitada de masculinidade nos seus ombros.

Lily lembrava-se nitidamente de ter deparado com a foto ao folhear a revista na calçada. Era setembro, e o Sol brilhava sobre a sua cabeça. Lily detivera-se na fotografia e olhara fixamente para ela até o seu cabelo começar a arder devido ao calor, e depois — antes que tivesse tempo para pensar duas vezes — arrancou-a da revista. Alguém passara por ela naquele exato momento e olhara para Lily com alguma surpresa, mas por essa altura já era demasiado tarde, e Lily fingiu não ter reparado no olhar. Rapidamente, dobrara a página em duas, enfiara-a na mochila e devolvera a revista à caixa.

O outro recorte era um artigo sobre duas ex-pilotos da Força Aérea que tinham aberto o seu próprio aeródromo após a guerra. Incluía uma pequena foto de ambas, sentadas lado a lado, a olhar para o céu. Usavam óculos de sol, camisas e calças a condizer, e a mulher da direita, que tinha o cabelo curto e despenteado, segurava a mão da mulher da esquerda de forma protetora. A mulher de cabelo curto era mecânica; a sua companheira era instrutora de voo. Não eram tão glamorosas como Katharine Hepburn, mas havia algo de convincente na sua proximidade descontraída.

O artigo viera de um número da revista *Flying* que Lily encontrara na biblioteca pública na primavera passada enquanto fazia uma pesquisa sobre vespas. Lembrava-se perfeitamente de ter levado a revista para o canto mais vazio e distante da biblioteca e de ter arrancado o artigo debaixo da mesa tão silenciosamente quanto possível. Sabia que não devia, mas sentira a necessidade de ter aquela fotografia de uma forma que não compreendia racionalmente. Deixara, sub-repticiamente, uma moeda na mesa à entrada da biblioteca como se isso compensasse a desfiguração da propriedade da biblioteca.

Pousou as fotos das mulheres pilotos na cama, ao lado de Katharine Hepburn e de Tommy Andrews, e olhou para elas em sucessão. Não conseguia explicar por que razão reunira aquelas fotografias, mas sentia-o no seu âmago: uma necessidade ardente e inquietante de olhar — e, ao olhar, de compreender algo.

3

A rapariga do elevador na Macy's era uma jovem chinesa com um *cheongsam*[4] azul-celeste bordado com flores amarelas.

— Bom dia — disse ela a Lily e à sua mãe. — Qual é o andar?

— Bom dia — respondeu a mãe de Lily. — Para o departamento de *junior miss*[5], por favor.

— Sim, senhora. — A rapariga do elevador carregou no botão para o terceiro andar. Parecia pouco mais velha do que Lily, mas Lily não a reconhecia, o que sugeria que a rapariga não crescera em São Francisco.

— Você é a neta da Sra. Low? — perguntou a mãe de Lily. — A Sra. Low? Wing Kut Low, em Jackson Street?

Quando o elevador revestido a madeira cruzou o segundo andar, a rapariga respondeu:

— Não. Eu sou de Sacramento.

Aparafusado no chão, em frente ao painel de controlo, estava um banco de aspeto desconfortável. Lily imaginou a rapariga a afundar-se no banco para descansar os pés, fazendo-os deslizar para fora dos seus sapatos de salto alto pretos entre as viagens de elevador. A ideia de ficar o dia todo presa naquela caixa em movimento — portas a abrir e a fechar, mas sem nunca poder sair — pareceu-lhe uma maneira sufocante de receber um salário.

— Sacramento! — exclamou a mãe de Lily, como se fosse do outro lado da lua. As engrenagens crepitaram ligeiramente enquanto o

[4] Vestido tradicional chinês.

[5] Secção de roupa destinada a raparigas adolescentes.

elevador abrandava, aproximando-se do terceiro andar. — Está sozinha aqui em São Francisco?

— Tenho um tio em Chinatown.

— Estou a ver.

O tom de voz da mãe sugeriu a Lily que não aprovava aquele sistema. Quando o elevador parou no terceiro andar, as portas abriram-se com um *ding*. A mãe de Lily deteve-se à porta.

— Se alguma vez precisar de uma ajuda feminina — disse à rapariga —, eu trabalho no hospital chinês. Sou enfermeira no departamento de obstetrícia. Sra. Grace Hu.

A rapariga do elevador pareceu desconfortável.

— Obrigada, minha senhora. É muito generoso da sua parte.

Lily dirigiu à rapariga um olhar furtivo de solidariedade antes de sair do elevador.

— Fico preocupada com raparigas assim — disse a mãe, em voz baixa, enquanto a porta se fechava atrás delas. — Ela é demasiado nova para estar por conta própria. Não consigo imaginar o tio a cuidar bem dela.

Lily olhou em volta para se certificar de que mais ninguém a ouvira. Mais à frente, o departamento de *junior miss* desdobrava-se sob luzes fluorescentes. O andar estava pontilhado de outros clientes, passeando entre as montras de vidro. Havia um casal de mãe e filha ao lado de uma vitrina de chapéus, e a adolescente riu-se enquanto a mãe lhe colocava um chapéu azul e redondo no cabelo loiro encaracolado. Viram Lily e a mãe a passar e desviaram desdenhosamente o olhar. Naquela manhã, não havia outros chineses no andar, e Lily deu conta da forma como ela e a sua mãe se destacavam. A mãe trazia vestido um fato castanho fora de moda, com ombros quadrados e um chapéu castanho a condizer, algo que Lily apenas a tinha visto usar na igreja. E a saia e blusa baratas de Lily, compradas em saldos, não eram propriamente o auge da moda atual.

Abrandou o passo para deixar a mãe ir à frente, como se, com isso, as pessoas pensassem que não estavam juntas. No momento em que a ideia a fez estremecer de culpa, deixou-se distrair pelas joias — brincos de botões de prata e gargantilhas de pérolas brilhantes e pulseiras de

zircónia cúbica — e depois por um anúncio emoldurado sobre um balcão de roupa. Exibia um trio de raparigas em trajes a condizer. A rapariga do meio usava um casaco estilo *smoking* por cima de uma camisa branca e uma saia escura e fina. Estava de pé, com uma mão na anca, um ombro arqueado para baixo e olhava diretamente para a câmara com uma sobrancelha levantada de forma sedutora. A mão enluvada balançava próxima à mão da rapariga ao seu lado, de tal forma que os seus mindinhos quase se tocavam. As três raparigas ostentavam sorrisos de compreensão, como se partilhassem um segredo.

— Gostaria de experimentar alguma coisa?

Lily levantou os olhos do anúncio e viu uma vendedora a aproximar-se.

— Estava só a ver — respondeu Lily, envergonhada.

A vendedora tinha um rosto amigável e aberto, e o cabelo castanho-claro com um corte à Peter Pan. O crachá identificava-a como *MISS* STEVENS.

— Mesmo separadas, são muito versáteis — afirmou, afastando o anúncio emoldurado para mostrar a Lily a roupa na vitrina. — Também pode usar a blusa com estas lindas saias trapézio.

— Oh, não… não sei — gaguejou Lily, mas aproximou-se da vitrina. O casaco era de um tecido azul-marinho com lapelas pretas entalhadas.

Miss Stevens tirou o casaco e pousou-o sobre o vidro.

— E pode ser lavado à mão. Muito prático.

Lily estendeu a mão e tocou no casaco, os dedos percorrendo a textura com delicadeza.

— Posso levar-lhe um tamanho apropriado ao provador, se quiser — ofereceu *Miss* Stevens.

— Lily! Aí estás tu.

Lily afastou a mão e olhou para cima. A mãe caminhava na sua direção, de mala preta pendurada no braço, acompanhada por uma vendedora loira carregada de camisolas e saias.

— Encontrei algumas peças para experimentares — disse a mãe de Lily. Olhou para o casaco e franziu as sobrancelhas. — O que é isto?

— Uma magnífica coleção de peças combinadas, minha senhora — esclareceu *Miss* Stevens. O seu olhar tremeluziu brevemente na direção

da vendedora loira, voltando, de seguida, para a mãe de Lily, que se dirigiu à vitrina e examinou o casaco e o anúncio.

— Onde vestirias isto, Lily? — O tom da mãe foi curto e incisivo.

Lily sentiu-se envergonhada.

— Não sei. Estava só a ver.

— É perfeito para festas — interveio a *Miss* Stevens. — Se a *Miss* Marshall estiver a preparar-lhe um provador, pode levar-lhe o conjunto para experimentar.

A vendedora loira — *Miss* Marshall — avançou com uma pilha de roupa nos braços e um ar expetante no rosto, mas a mãe de Lily abanou a cabeça.

— Obrigada, mas não acredito que seja o mais indicado para a minha filha. Vamos para o provador, Lily. Trouxe alguma roupa para experimentares para a escola.

Lily lançou a *Miss* Stevens um olhar contrito antes de se apressar atrás da mãe e de *Miss* Marshall. *Miss* Stevens devolveu-lhe o olhar com um sorriso fino, enquanto dobrava o casaco para o voltar a guardar.

No provador, a vendedora pendurou uma fila de vestidos, camisolas, saias, e casacos a condizer na calha embutida na parede. A mãe de Lily acomodou-se no banco no interior do compartimento.

— Experimenta primeiro o vestido castanho — indicou. — Esse com os botões pretos.

Havia uma sucessão de vestidos e saias castanhos e cinzentos, camisolas de algodão rosa-pálido ou azul-bebé com golas redondas recatadas ou mangas em punho com três quartos de comprimento. Eram a versão adolescente do fato de igreja da mãe, inofensivo, mas enfadonho. Lily continuava a pensar no casaco de *smoking*, mas, conforme ia percorrendo a roupa que a mãe escolhera, a ideia foi-se tornando cada vez mais estranha. Talvez a mãe estivesse certa. Onde usaria ela tal coisa? Decerto, provocaria um alvoroço no baile de outono, mas Lily não era o tipo de rapariga de chamar a atenção.

— O casaco fica-te muito grande — disse a mãe, analisando o último fato que Lily experimentara.

Era quadrado e matizado em cinzento e castanho, e Lily achou-o antiquado.

— Não gosto — declarou.

— Em breve estarás no último ano — disse a mãe. — Tens de ter o visual adequado. — Abriu a porta do provador, mas o corredor estava vazio. — Onde está a vendedora? — Voltou a olhar para Lily. — Espera aqui. Eu volto já.

Assim que a mãe saiu, Lily contemplou o seu reflexo no espelho. *Tens de ter o visual adequado.* Lily entendia o que a mãe queria dizer. Tinha de parecer respeitável e séria. A rapariga no espelho parecia uma estudante colegial vestida com a roupa da mãe: a boca fechada e a testa franzida, o corpo engolido pelos ombros acolchoados do casaco. Se a mãe a visse agora, dir-lhe-ia para deixar de ser ingrata. Raramente faziam compras no andar de cima da Macy's, a menos que houvesse uma grande promoção, mas ali estava ela, no departamento de *junior miss* com as últimas tendências da moda, não na secção dos artigos mais baratos com as sobras da época passada.

Lily lembrou-se de uma visita diferente à Macy's quando era criança — teria nove ou dez anos — com Eddie colado à mão da mãe enquanto ela empurrava Frankie bebé no carrinho por entre as pesadas portadas do primeiro andar. Levá-los a todos para o elevador e até ao quarto andar, onde ficava a oficina do Pai Natal, fora uma luta. Lily lembrava-se de flocos de neve prateados suspensos no teto, de enfeites enfaixados sobre as vitrinas e de caixas e caixas de carrinhos de brincar e de aviões empilhados nas prateleiras. Um comboio elétrico circundava uma aldeia de Natal em miniatura, e Eddie ajoelhara-se para o observar, enfeitiçado, enquanto Lily fora atraída para um *kit* de química. Havia tubos de ensaio num suporte, e um pequeno bico de Bunsen, e líquidos com colorações estranhas acondicionados em pequenos frascos de vidro. O *kit* era vendido numa caixa com uma ilustração de dois rapazes a brincar juntos e, sobre as suas cabeças loiras, as palavras DESCOBRIR O FUTURO HOJE!

Lily não sabia quanto tempo passara a contemplar o *kit* de química, mas, subitamente, a mãe aparecera com Eddie e Frankie a reboque, exclamando que a havia perdido e a questionar-lhe o que andara a fazer. Lily apontara para o conjunto de química e perguntara:

— Posso receber isto no Natal?

A mãe observou-a durante um momento, e depois disse:

— Não queres antes uma boneca?

Lily era demasiado velha para fazer birras, mas algo na resposta da mãe a enfurecera. Fechara as mãos em punhos rente às laterais do corpo e declarara:

— Não quero uma boneca!

O rosto da mãe endurecera no mesmo instante, e Lily vira a sua mão agitar-se como se estivesse prestes a bater-lhe, mas fora incapaz de se livrar tanto de Eddie como de Frankie. Em vez disso, advertiu:

— Estás na Macy's, por amor de Deus. Porta-te bem.

Lily fora apanhada de surpresa pelo tom incisivo da mãe e irrompera em lágrimas.

Agora, a porta do camarim abriu-se e a mãe voltou, juntamente com *Miss* Marshall e mais dois casacos.

— Experimenta este — indicou, entregando-lhe um tamanho mais pequeno.

Lily obedeceu. O casaco mais pequeno assentava-lhe muito melhor. Quando o abotoou, a cintura apertou-se como deveria, em vez de se avolumar em torno das ancas. A mãe ajustou o drapeado do casaco. Por cima do ombro da mãe, Lily viu *Miss* Marshall a arrancar cuidadosamente um fio de cabelo preto da lapela do casaco maior e a largá-lo sub-repticiamente no chão.

— Melhor — disse a mãe de Lily, recuando e bloqueando a visão de Lily sobre a vendedora. O seu rosto exibia uma expressão invulgar, e Lily demorou um instante a perceber que a mãe estava satisfeita.

— 唔錯[6] — disse a mãe em cantonês. — 幾好[7].

Lily virou-se para o espelho. Viu uma rapariga chinesa num fato cinzento sem personalidade — o rosto pálido, nada de especial, inclusive, algo monótona. Respeitável. A palavra pareceu-lhe quadrada, inamovível, como uma caixa robusta com os quatro cantos igualmente precisos. Uma rapariga respeitável era facilmente categorizada, as suas motivações eram claras — queria um diploma universitário, e depois um marido, e depois uma casa agradável e filhos adoráveis, nessa mesma

[6] Nada mal.

[7] Muito bem.

ordem. Viu a mãe a sorrir de má vontade, como se estivesse consciente da presença da vendedora, a pairar atrás delas, e Lily compreendeu porque é que a mãe usara o fato da igreja para ir à Macy's. Ainda que fosse feio, declarava o seu investimento na respeitabilidade. A sua mãe era uma autêntica mãe e esposa americana, não uma boneca chinesa num *cheongsam*, relegada a trabalhar no elevador.

— É tão profissional, mas também muito feminino — observou *Miss* Marshall. — Quer que lhe prepare a conta?